

A photograph of a woman's back, showing her hair in a bun with pink flowers, a thin necklace, and a tattoo on her left shoulder. She is wearing a white, ribbed, off-the-shoulder top. The background is a soft, light green.

Ligeiramente
MALICIOSOS

MARY BALOGH

No início era apenas uma aventura inocente,
mas se tornou uma paixão avassaladora

Mais de 4 milhões de livros vendidos





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAPÍTULO I



Momentos antes da diligência virar, Judith Law estava imersa em uma divagação que a fez se esquecer da natureza desagradável de sua vida.

Pela primeira vez em seus 22 anos, ela viajava de diligência. Logo depois dos primeiros quilômetros na estrada, entretanto, abandonou a ideia romântica de que aquele fosse um modo aventureiro de viajar. Estava impressada entre uma mulher, cuja circunferência exigia um assento e meio de espaço, e um homem magro e inquieto que, agitando constantemente seus cotovelos à procura de uma posição mais confortável, acertava-lhe de forma nada agradável em lugares muitas vezes embaraçosos. Um homem corpulento roncava sem parar à sua frente, o que aumentava de modo considerável o nível de barulho da viagem. A mulher a seu lado lamentava sua vida para alguém desafortunado ou tolo o bastante para ter feito contato visual com ela. O homem quieto do lado oposto ao de Judith exalava um cheiro insuportável, uma singular fragrância de cebola e alho. A diligência sacudia, vibrava e estremecia a cada pedra ou buraco que encontrava pelo caminho. Ao menos, era o que parecia a Judith.

Mesmo com todos os desconfortos do caminho, ela não estava ansiosa para completar a jornada. Havia deixado para trás toda uma vida em Beaconsfield e não esperava retornar por um longo tempo, se é que algum dia voltaria. Seu destino era a casa da tia Effingham. A vida como conhecera havia terminado. Embora nada tivesse sido explicitado na carta que a tia escrevera para o pai de Judith, ficara muito claro que a moça não seria uma hóspede estimada e paparicada em Harewood Grange, mas sim uma parente pobre, que deveria se esforçar para garantir a hospedagem, dispondo-se a fazer o que a tia, o tio, os primos e a avó julgassem apropriado. Sendo

realista, Judith só poderia esperar monotonia e trabalho árduo em seu futuro. Nenhum pretendente ou casamento, casa ou família. Estava prestes a se tornar uma dessas mulheres apagadas, abundantes na sociedade, mas que viviam nas sombras. Mulheres que dependiam dos parentes e não passavam de criadas que trabalhavam de graça para eles.

O pai de Judith agradecera a irmã pela enorme gentileza de convidar a sobrinha para morar com ela. No entanto, tia Effingham, que fizera um casamento extremamente vantajoso com o viúvo Sir George Effingham, mesmo não tendo mais todo o frescor da juventude, não era conhecida pela bondade ou gentileza.

E tudo isso por culpa de Branwell, o demônio, que merecia levar um tiro, ser enforcado, afogado e então esquartejado por suas extravagâncias impensadas. Havia semanas que Judith não era capaz de ter um único pensamento gentil em relação ao irmão mais novo. Isso porque ela era a filha do meio, a que não tinha uma posição determinada na família que a tornasse indispensável em casa. Não era a primogênita, já que Cassandra era um ano mais velha. Também não era a beldade da família – essa era a irmã mais nova, Pamela. E não era a caçulinha. Hilary, de 17 anos, tinha essa duvidosa vantagem. Judith ocupava apenas a posição embaraçosa da esquisita, da feia, da sonhadora que sempre estava animada.

Dessa maneira, todos se voltaram para ela quando o pai entrara na sala de estar e lera a carta da tia em voz alta. Passando por sérias dificuldades financeiras, ele escrevera para a irmã pedindo ajuda, mas a oferta dela exigia algo em troca. Todos sabiam o que isso significava: a escolhida se mudaria para Harewood. Judith se oferecera. A família protestara a princípio, e as irmãs também haviam se oferecido... mas Judith foi categórica.

Ela passara a última noite na casa paroquial pensando em requintadas torturas para castigar Branwell.

O céu, visto através das janelas da diligência, estava cinza, com nuvens baixas e pesadas. O cenário era sombrio. Uma hora antes, o dono da estalagem onde haviam parado por alguns minutos os avisara de que caía uma chuva torrencial mais para o norte e provavelmente teriam que atravessá-la, além de encarar as estradas lamacentas. O cocheiro da diligência rira diante da sugestão de que permanecessem na estalagem. Agora, como previra o estalajadeiro, o caminho ficava mais lamacento a cada minuto, embora a chuva diminuísse.

Judith bloqueou tudo de ruim – o ressentimento opressivo que sentia, a terrível saudade de casa, o tempo lúgubre, as condições desconfortáveis da viagem, a desagradável perspectiva do que a aguardava – e deixou a mente devanear, inventando uma aventura extraordinária, com direito a um herói fantástico e ela mesma como a improvável mocinha. Isso lhe garantiu uma distração bem-vinda até momentos antes do acidente.

Sua história era sobre bandoleiros. Para ser mais precisa, um em especial. Ele não era, é claro, como os bandoleiros do mundo real – ladrões cruéis, sórdidos, amorais e rudes, assassinos degoladores de viajantes indefesos. Não. O bandoleiro dos devaneios de Judith era belo, espirituoso e risonho, tinha dentes brancos e perfeitos e olhos sagazes por trás da abertura na estreita máscara negra. Ele galopava por um campo muito verde, sob a luz do sol, até alcançar a estrada e controlava com apenas uma das mãos, sem esforço, seu corcel negro e magnífico, enquanto apontava o revólver – descarregado, é claro – para o peito do cocheiro.

O bandoleiro ria e brincava com os passageiros enquanto recolhia seus pertences. Não, melhor, ele devolvia os bens das pessoas que não poderiam arcar com a perda. Não... não, ele devolveria *todos* os pertences a *todos* os passageiros, já que não era um bandoleiro de verdade, mas um cavalheiro determinado a se vingar de um vilão em especial, que passaria a cavalo por aquela estrada.

Era um nobre herói mascarado, fingindo ser um bandoleiro, com nervos de aço, um espírito livre, o coração de ouro e uma aparência capaz de causar palpitações em todas as passageiras. Palpitações que não tinham nenhuma relação com medo.

Quando o bandoleiro voltou os olhos na direção de Judith, a sensação era de que todo o universo havia parado e as estrelas cantavam no céu. Rindo, ele declarava que ficaria com o colar que pendia sobre o peito *dela*, mesmo sabendo que a joia não tinha qualquer valor financeiro. Era algo que a *mãe* de Judith lhe dera em seu leito de morte e que a moça prometera levar para o túmulo sem nunca tirá-lo do pescoço. Sem piscar, ela joga a cabeça para trás e encara os olhos risonhos do falso bandoleiro. “Não darei nada, mesmo que isso me custe a vida”, brada em voz alta e clara, sem vacilar.

Ele ri de novo, enquanto o cavalo escoiceia e empina, sempre sob controle do dono. Então, como se reconhecesse que não poderia ter o colar *sem* Judith, o bandoleiro se aproxima dela. Grande, belo e ameaçador, ele

se inclina na sela, agarra-a pela cintura com suas poderosas mãos e ergue-a para cima do cavalo sem esforço. Bem, Judith ignorou em seu devaneio o problema da pistola, que atrapalharia aquele ato impetuoso do falso vilão. Supostamente ele a estaria empunhando em uma das mãos, mas esse detalhe podia ser perdoado.

A jovem sentiu um frio na barriga ao perder contato com o chão e... foi trazida de maneira abrupta de volta à realidade. A diligência derrapa para na estrada lamacenta, perdera o rumo e agora balançava e sacudia, fora de controle. Houve tempo o bastante – na verdade, tempo de mais – para que todos sentissem um terror cego, antes que o veículo derrapasse pela lateral da estrada, colidisse com a encosta gramada, virasse de volta na direção da estrada, balançasse de maneira ainda mais alarmante e, finalmente, tombasse dentro de um pequeno fosso, parando meio de lado, meio emborcada.

Quando Judith voltou a si, notou que todos gritavam ou choravam. Ela, porém, não fazia nem uma coisa nem outra. Em vez disso, mordida os lábios. Logo descobriu que os seis passageiros da diligência estavam amontoados uns sobre os outros, contra uma das laterais do veículo. Os xingamentos, gritos e gemidos atestavam que a maioria, se não todos, estavam vivos. A jovem ouviu berros vindos do lado de fora, assim como o relinchar assustado dos cavalos. Duas vozes, mais claras do que quaisquer outras, se comunicavam na mais profana das linguagens.

Estou viva, pensou Judith, um pouco surpresa. Também estava ileso, concluiu depois de algumas averiguações, embora se sentisse bastante abalada. De algum modo, acabara no topo da pilha de pessoas amontoadas. Ela tentou se mover, mas no momento em que o fez, a porta se abriu e o cocheiro a encarou.

– Senhorita, me dê sua mão – instruiu ele. – Vamos tirar todos vocês daí em um instante. E pelo amor de Deus, mulher, pare com esses guinchos – disse o homem, sem o mínimo de compaixão, para uma senhora histérica.

Levou bem mais de um instante, mas finalmente todos estavam de pé na encosta gramada ou sentados sobre malas empilhadas, encarando, desalentados, a diligência, que não seria capaz de levá-los a seus respectivos destinos tão cedo. Até para os olhos pouco treinados de Judith era evidente que o veículo sofrera danos consideráveis. Não havia sinal de nenhuma habitação naquele local. As nuvens estavam baixas e a chuva ameaçava cair

a qualquer momento. O ar estava úmido e frio. Era difícil acreditar que ainda era verão.

Por algum milagre, os passageiros que viajavam do lado de fora da diligência também tinham escapado sem maiores ferimentos, embora dois estivessem cobertos de lama e nenhum satisfeito com o que acontecera. Vozes se erguiam e punhos eram mostrados. Alguns exigiam saber por que um cocheiro experiente seguira viagem, expondo-os ao perigo, mesmo tendo sido aconselhado a esperar um pouco na última parada. Outros se manifestavam oferecendo sugestões do que deveria ser feito. Por último, havia os que reclamavam de cortes, contusões ou outro tipo de ferimento. A mulher histérica sangrava em um dos pulsos.

Judith não reclamou. Escolhera continuar a viagem, mesmo tendo escutado o aviso de que deveria esperar por outra diligência. Também não tinha nenhuma sugestão a fazer. E não se ferira. Sentia-se apenas infeliz com a situação e procurava algo que ocupasse sua mente, para não pensar que estava parada no meio do nada, com a chuva prestes a cair. Começou a cuidar dos que estavam machucados, embora seus ferimentos fossem mais imaginários do que reais. Ela sabia desempenhar a tarefa com confiança e certo talento, pois costumava acompanhar a mãe em visitas aos pacientes. Judith envolveu cortes e contusões com ataduras, usando o material que tinha à mão. Ouviu a descrição do acidente por cada pessoa, vezes sem conta, murmurando palavras tranquilizadoras enquanto procurava assento para os mais instáveis e abanava os que pareciam prestes a desmaiar.

Em pouco tempo, retirou a touca que usava e que, naquele momento, só a atrapalhava, jogando-a dentro da diligência ainda tombada. Seus cabelos se soltaram e Judith não perdeu nem um segundo tentando arrumá-los. Descobriu que a maior parte das pessoas se comportava muito mal em uma crise, embora aquela situação não fosse tão desastrosa quanto poderia ter sido.

O humor dela, entretanto, não estava muito ruim. Afinal, pensou Judith, aquilo fora a última gota. A vida não poderia ficar mais terrível. Ela chegara ao fundo do poço. De certo modo, talvez fosse consolador. As coisas só podiam melhorar de agora em diante.

– Como consegue se manter tão animada, querida? – perguntou a mulher que ocupara um assento e meio.

Judith sorriu para ela.

– Estou viva – respondeu. – E a senhora também. Como *não* ficar animada?

– Posso pensar em um motivo ou dois... – retrucou a mulher.

Mas, antes que completasse seu pensamento, a atenção delas foi desviada por um grito de um dos passageiros, que apontava para a estrada. Alguém se aproximava, um homem a cavalo. Vários passageiros começaram a chamá-lo, ainda que ele estivesse longe demais para ouvir. Pela empolgação, era como se um grande herói estivesse vindo em seu auxílio. Judith não conseguia imaginar o que eles achavam que apenas um homem poderia fazer para melhorar aquela situação. Certamente eles também não saberiam responder se alguém perguntasse.

Judith voltou a atenção para um dos desafortunados cavaleiros ensoçados, que, encolhendo-se de dor, secava o sangue de um corte no queixo com um lenço enlameado. Talvez, pensou ela, e precisou se esforçar para não deixar escapar uma gargalhada, o estranho que se aproximava fosse o bandoleiro alto, moreno, nobre e risonho de seu devaneio. Ou pior: um bandoleiro de verdade prestes a roubá-los, ali parados como patinhos. Talvez houvesse, *sim*, como descer mais fundo no poço.



Embora estivesse fazendo uma longa viagem, lorde Rannulf Bedwyn estava a cavalo. Ele evitava ir de carruagem sempre que possível. Esta, que levava sua bagagem e seu valete, vinha em algum lugar atrás dele. O valete, uma alma tímida e cautelosa, decidira parar na estalagem, cerca de uma hora antes, quando ouvira o aviso de chuva que o estalajadeiro dera com a intenção de melhorar os negócios.

Provavelmente caíra um aguaceiro naquela parte da estrada havia pouco tempo. E, naquele momento, era como se as nuvens estivessem recuperando o fôlego antes de desabarem de novo. A estrada estava tão molhada que o caminho se tornara um atoleiro cintilante com alguns montes de lama espaçados. Rannulf sabia que poderia voltar, mas era contra sua natureza recuar com o rabo entre as pernas diante de algum desafio, humano ou de qualquer espécie. No entanto, pararia na primeira estalagem por que passasse. Podia ser descuidado consigo mesmo, mas precisava pensar no cavalo.

Não tinha a menor pressa de chegar a Grandmansion Park. A avó exigira sua presença e ele a estava atendendo, como normalmente acontecia. Tinha um grande carinho por aquela mulher, mesmo antes de ela torná-lo herdeiro de sua enorme propriedade e fortuna, embora Rannulf tivesse dois irmãos mais velhos e um mais novo – além das duas irmãs, é claro. A razão para a falta de pressa era outra. Mais uma vez, a avó anunciara que havia encontrado uma noiva adequada para ele. Era sempre necessária uma combinação de tato, humor e firmeza para dissuadi-la da ideia de organizar a vida pessoal de Rannulf. Ele não tinha a menor intenção de se casar. Acabara de completar 28 anos. Quando estivesse pronto, *ele* escolheria a própria noiva.

No entanto, não seria o primeiro na família a se deixar prender. Aidan, seu irmão mais velho, sucumbira e se casara secretamente algumas semanas antes, para pagar uma dívida de honra com o irmão da dama, subordinado dele na Guerra Peninsular. Por algum estranho milagre, o casamento apressado, por conveniência, parecia ter se transformado em uma história de amor. Rannulf conhecera Eve, Lady Aidan, dois dias antes. Para ser mais exato, partira da casa deles naquela manhã. Aidan vendera sua patente e apreciava a vida do campo, com a mulher e os dois filhos adotivos. Um idiota apaixonado. Mas Rannulf aprovou a nova cunhada.

Na verdade, era um alívio saber que *era* um casamento com amor. Os Bedwyns tinham a reputação de serem indomáveis, arrogantes e até mesmo frios. Mas também havia a tradição de se manterem fiéis aos cônjuges depois que enfim se casavam.

Rannulf não conseguia imaginar como seria amar uma mulher por toda a vida. Permanecer fiel a alguém para sempre lhe parecia deprimente. Sua esperança era a de que a avó não tivesse mencionado a ideia de compromisso à mulher em questão. Ela fizera isso uma vez e Rannulf passara por momentos terríveis persuadindo sua “noiva” de que *ela* não queria se casar com ele.

De repente, sua atenção foi atraída para um ponto mais adiante, destacado em meio à lama. A princípio, pensou que era alguma construção, mas logo percebeu que era um grupo de pessoas e uma grande diligência tombada, com um eixo quebrado. A maioria dos passageiros se reuniu na encosta relvada, acima da diligência, mantendo os pés longe da lama. Muitos gritavam, acenavam e gesticulavam, como se esperassem que Rannulf

erguesse o veículo arruinado nos ombros e o colocasse de volta à estrada, consertando magicamente o eixo no processo, antes de seguir cavalgando em direção ao pôr do sol.

Mas é claro que Rannulf sabia que seria grosseiro de sua parte não parar, mesmo que não pudesse oferecer nenhuma ajuda prática. Ele puxou as rédeas e sorriu quando quase todos do grupo tentaram falar ao mesmo tempo. Rannulf ergueu uma das mãos para silenciá-los e perguntou se havia alguém gravemente ferido. Não era o caso.

– O melhor que posso fazer por vocês, então – disse ele, quando o burburinho voltou a se acalmar –, é galopar o mais rápido que puder e pedir ajuda na cidade mais próxima.

– Há uma cidade a mais ou menos 5 quilômetros à frente, senhor – informou o cocheiro.

Era um cocheiro bastante incompetente, julgou Rannulf. Perdeu o controle do veículo e não cogitou mandar um mensageiro em um dos cavalos em busca de ajuda. Além disso, o homem mostrava claros sinais de ter se mantido aquecido contra o frio e a umidade graças ao conteúdo da garrafa que levava em um dos bolsos de seu sobretudo.

Um dos passageiros, uma mulher, não se juntara aos outros para cumprimentá-lo. Ela estava curvada, pressionando uma atadura improvisada contra o queixo de um cavaleiro coberto de lama, sentado em um caixote de madeira. O homem pegou a atadura das mãos da mulher e ela endireitou o corpo e se virou para encarar Rannulf, que os observava.

Era jovem e alta. A capa verde que vestia estava um pouco úmida e enlameada na bainha. Aberta na frente, revelava um vestido leve de musselina e um colo que, no mesmo instante, aumentou em alguns graus a temperatura corporal de Rannulf. A moça não usava touca e seus cabelos estavam desalinhados, cascadeando pelos ombros. Eram de um impressionante louro-acobreado, tom que nunca vira antes. O rosto era oval e estava ligeiramente ruborizado. Seus olhos cintilavam, verdes, com uma expressão encantadora. A moça retribuiu o olhar de Rannulf com aparente desdém. O que ela esperava que ele fizesse? Que pulasse na lama e fizesse o papel do herói?

Um sorriso preguiçoso se abriu no rosto de Rannulf.

– Eu poderia levar uma pessoa comigo – disse ele, sem desviar os olhos da moça. – Uma dama, talvez? Madame, que tal a senhora?

As outras passageiras reclamaram de sua escolha, mas Rannulf as ignorou. A bela ruiva o encarava e, pela expressão reprovadora no rosto da moça, ele poderia apostar que ela recusaria a oferta. Rannulf estava certo disso quando um dos passageiros, um homem magro, de voz aguda e nariz adunco, que poderia ser um pároco, deu sua opinião sem que ninguém pedisse.

– Uma meretriz! – disse ele.

– Espere um minuto! – adiantou-se uma das mulheres, uma senhora grande, rechonchuda, com as maçãs do rosto muito vermelhas e o nariz ainda mais vermelho. – Preste atenção a quem sai chamando de meretriz, homem! Não pense que não percebi o modo como olhava para ela, seu velho pervertido... se remexendo todo no assento para poder encostar mais na moça. E com um livro de orações na mão! Deveria se envergonhar! Vá com ele, querida. Eu iria se ele me convidasse, o que o rapaz não faria pelo simples fato de que eu partiria o cavalo dele ao meio.

Finalmente a ruiva sorriu para Rannulf, enquanto a cor voltava a seu rosto.

– Será um prazer, senhor – disse ela em uma voz agradável e rouca, que pareceu subir pela espinha dele como uma mão calçada em luvas de veludo, lhe causando um arrepio.

Rannulf se adiantou com o cavalo até a lateral da estrada, na direção dela.



O homem não se parecia em nada com o bandoleiro do devaneio, pensou Judith. Não era ágil, moreno, belo nem estava mascarado. E, embora sorrisse, havia um toque de zombaria em sua expressão, mais do que de liberdade.

Era um homem sólido. Não gordo, mas... sólido. Os cabelos sob o chapéu eram claros, ondulados, e mais longos do que a moda ditava. O rosto era moreno, as sobrancelhas escuras, o nariz grande. Os olhos eram azuis. Não era de forma alguma um homem bonito, mas havia alguma coisa nele... inegavelmente atraente... embora essa não parecesse uma palavra poderosa o bastante.

Ela estava em uma situação perigosa.

Aqueles primeiros pensamentos passaram como um raio pela cabeça de Judith no momento em que levantou os olhos para o homem. Ele não era

bandoleiro, apenas mais um viajante, oferecendo-se para buscar ajuda e levar alguém junto.

Ela.

O segundo pensamento de Judith foi de choque, indignação, ultraje. Como ele ousava! Quem aquele homem achava que era para esperar que ela concordasse em montar um cavalo com um estranho e sair galopando sozinha com ele? Era filha do reverendo Jeremiah Law, cujas expectativas do mais estrito decoro e moral em relação a seu rebanho só eram excedidas por suas expectativas em relação às próprias filhas... principalmente ela.

O terceiro pensamento a cruzar a mente de Judith foi que a uma distância muito curta – o cocheiro informara cerca de 5 quilômetros – havia uma cidade e o conforto de uma estalagem. Talvez ambos pudessem ser alcançados antes de a chuva cair. Se ela aceitasse a oferta do estranho, é claro.

Então Judith se lembrou de seu devaneio, da fantasia tola e adorável de um bandoleiro espirituoso que a carregaria para uma maravilhosa e inesperada aventura, libertando-a de todas as obrigações em relação à família e ao passado, libertando-a de tia Effingham e da tediosa vida de labuta que a aguardavam em Harewood. Um sonho que se estilhaçara quando a diligência tombara. Judith tinha agora a chance de experimentar uma aventura de verdade, mesmo que bem rápida. Por 5 quilômetros, talvez o equivalente a uma hora, ela poderia cavalgar na mesma sela daquele estranho atraente. Poderia fazer algo impróprio, como deixar a segurança e o decoro da presença de várias pessoas ao redor para seguir sozinha com um cavaleiro. Se soubesse de tal coisa, o pai dela a trancaria no quarto a pão e água e com a Bíblia nas mãos, por uma semana. E tia Effingham provavelmente decidiria que um mês no quarto nas mesmas condições ainda não seria o suficiente. Mas quem descobriria? Portanto, que mal poderia haver? Bem, o homem ossudo a chamou de meretriz. Curiosamente, Judith não se sentiu indignada. A acusação era tão absurda que ela quase riu. Mas foi como um desafio. E a mulher rechonchuda a encorajara. Ela, Judith, seria uma criatura tão patética a ponto de desperdiçar aquela pequena chance?

Judith sorriu.

– Será um prazer, senhor – disse, ouvindo com alguma surpresa que não falava com a própria voz, mas com a voz de uma mulher inventada, que ousaria fazer uma coisa daquelas.

O homem guiou o cavalo mais para perto, mantendo os olhos presos aos dela.

– Pegue minha mão e pouse o pé sobre minha bota – instruiu ele.

Judith fez o que lhe foi dito e, de repente, era tarde demais para mudar de ideia. Com uma força que aparentemente não exigiu nenhum esforço e a deixou mais ofegante do que alarmada, o homem a ergueu e virou o corpo dela, de modo que, antes que percebesse, fora erguida do chão e estava sentada de lado, na frente do homem, os braços dele envolvendo-a, garantindo uma ilusão de segurança. Havia muito barulho ao redor deles. Algumas pessoas riam e a encorajavam, enquanto outras reclamavam de serem deixadas para trás e imploravam ao estranho que se apressasse e mandasse ajuda antes que a chuva caísse.

– Alguma dessas malas é sua, madame? – perguntou o estranho.

– Aquela. – Judith apontou. – Ah, e a bolsinha ao lado dela.

Embora guardasse apenas uma pequena quantia em dinheiro, que o pai conseguira juntar para que tomasse o chá e talvez comprasse pão e manteiga durante a viagem de um dia, Judith ficou horrorizada com seu descuido de quase deixar a bolsa para trás.

– Jogue a bolsa para mim, homem – pediu o cavaleiro ao cocheiro. – A mala da dama pode ser levada junto com as outras, mais tarde.

Despediu-se tocando a aba do chapéu, pegou a bolsa e colocou o cavalo para trotar. Judith riu. Sua grande e, ao mesmo tempo, pateticamente pequena aventura começara. Ela desejou que os 5 quilômetros se estendessem até o infinito.

Por algum tempo, Judith se preocupou com o fato de estar tão longe do chão, sobre o cavalo – nunca fora uma grande amazona. Esse pensamento logo ficou em segundo plano quando tomou consciência da intimidade da posição em que estavam. Ela podia sentir o calor do corpo do estranho se espalhando pelo lado esquerdo do dela. As pernas dele, que pareciam muito fortes protegidas por calções justos e botas altas, estavam próximas demais de seu corpo. Os joelhos de Judith tocavam uma das pernas do estranho e ela podia sentir a outra roçando em seu traseiro. Judith sentia o cheiro de cavalo, couro e colônia masculina. Os perigos da viagem perderam importância diante de outras sensações, desconhecidas.

Judith estremeceu.

– Está frio para um dia de verão – comentou o cavaleiro.

Ele passou um dos braços ao redor dela e puxou-a até que o ombro e o braço de Judith estivessem firmemente apoiados contra o peito dele e ela não tivesse escolha a não ser apoiar a cabeça no ombro do homem, o que lhe era chocante... e um pouco excitante. Percebeu, de repente, que não usava a touca. Não apenas isso, parte do cabelo havia se soltado e caía sobre seus ombros.

Como estaria a sua aparência? O que aquele homem estaria pensando dela?

– Ralf Bedard, a seu dispor, madame – apresentou-se o homem.

De que modo poderia se apresentar como Judith Law? Não estava se comportando de forma alguma de acordo com a criação que tivera. Talvez devesse fingir ser outra pessoa...

– Claire Campbell – disse, unindo os dois primeiros nomes que lhe passaram pela cabeça. – Como vai, Sr. Bedard?

– No momento, muito bem – retrucou ele com a voz rouca, e os dois riram.

Ele estava flertando com ela, pensou Judith. Que escandaloso! Seu pai colocaria o cavalheiro em seu devido lugar com palavras contundentes... e sem dúvida a castigaria por ficar se expondo daquela maneira. Ao menos daquela vez, ele teria razão. Mas Judith não estava disposta a estragar sua preciosa aventura pensando no pai.

– Para onde estava indo? – perguntou o Sr. Bedard. – Por favor, não me diga que há um marido esperando para ajudá-la a desembarcar da diligência. Ou um namorado.

– Nenhum dos dois – retrucou Judith, rindo de novo por nenhum motivo em particular. Iria aproveitar aquela breve aventura até o último instante. Não desperdiçaria tempo, energia ou oportunidades. – Sou solteira... e é assim que prefiro ficar.

Mentirosa. Ah, mentirosa.

– Minha alma agora está tranquila – assegurou ele. – Quem a está esperando no fim da viagem então? Sua família?

Judith se encolheu por dentro. Não queria pensar no fim da viagem. O bom das aventuras é que não são reais nem eternas. Para aquele estranho, ela poderia dizer, fazer e ser o que bem entendesse. Era como ter um sonho e um pouco de realidade ao mesmo tempo.

– Não tenho família – respondeu Judith. – Ninguém responsável por mim, de qualquer modo. Sou atriz. Estou a caminho de York, para interpretar um novo papel. O papel principal.

Pobre papai. Ele teria um ataque do coração. Mas a verdade era que aquele sempre fora o sonho mais louco e mais antigo dela.

– Uma atriz? – repetiu o Sr. Bedard, a voz baixa e rouca contra o ouvido dela. – Eu deveria ter percebido assim que coloquei os olhos na senhorita. Uma beleza tão vívida quanto a sua brilhará em qualquer palco. Por que nunca a vi em Londres? Deve ser porque raramente vou ao teatro. Sem dúvida preciso corrigir esse mau hábito.

– Ah, Londres – disse Judith em um tom zombeteiro e despreocupado. – Gosto de *atuar*, Sr. Bedard, não de ser admirada. Gosto de escolher os papéis que desejo representar. Prefiro teatros do interior. Sou bem conhecida neles, acredito.

Judith percebeu que ainda falava com a voz que usara na beira da estrada. E, por incrível que pudesse parecer, o homem acreditara na história dela. Isso ficava evidente em suas expressões – divertida, apreciativa, maliciosa. Branwell, depois de ter ido para a universidade e conhecido mais do mundo, contara às irmãs que as atrizes de Londres quase sempre completavam sua renda sendo amantes de ricos e nobres. Estava navegando por águas perigosas, pensou Judith. Mas era apenas por 5 quilômetros, apenas uma hora.

– Gostaria de poder vê-la atuando – comentou o Sr. Bedard, e o braço dele estreitou-se mais ao redor dela, enquanto erguia o queixo de Judith com as costas das mãos enluvadas.

Então ele a beijou. Na boca.

Não foi um beijo longo. Afinal, ele estava conduzindo um cavalo por estradas traiçoeiras, com uma passageira atrapalhando tanto seus movimentos quanto os do cavalo. Sr. Bedard não podia se dar ao luxo de se deixar distrair por um abraço mais longo.

Mas durou tempo o bastante. Ainda mais para uma mulher que nunca fora beijada antes. Os lábios dele estavam abertos e Judith sentiu o calor úmido de sua língua contra a dela. Segundos, ou talvez apenas uma fração de segundo, antes de seu cérebro conseguir registrar choque ou ultraje, cada parte do corpo de Judith reagiu. Seus lábios pareciam queimar com a sensação que se espalhou por sua boca. Seus seios pareceram inchar e uma espécie de dor aguda e poderosa desceu pelo interior de suas coxas.

– Oh – disse Judith, quando o beijo terminou.

Mas antes que pudesse expressar sua indignação diante de tamanha liberdade e insolência, ela se lembrou de que era Claire Campbell, famosa atriz provinciana. E das atrizes, mesmo as que não eram amantes dos ricos e nobres, esperava-se que soubessem uma ou duas coisas sobre a vida. Judith olhou dentro dos olhos do Sr. Bedard e deu um sorriso sonhador.

Por que não?, pensou, impulsiva. Por que não viver aquela fantasia mais um pouquinho, para ver aonde poderia levar? Aquele primeiro beijo, afinal, provavelmente também seria o último. Sr. Bedard sorriu de volta, uma expressão preguiçosa e zombeteira nos olhos.

– Oh... – repetiu.

CAPÍTULO II



Que diabo ele estava fazendo? Deixando-se envolver por um beijo, enquanto a cada passo Bucephalus corria o sério risco de escorregar e jogar os dois no chão irregular e lamacento? Rannulf balançou a cabeça.

Ela alegava preferir atuar em papéis importantes a ser apreciada por olhos cobiçosos em um teatro da moda. Ao mesmo tempo, exibia aqueles cabelos engenhosamente desarrumados que, se seus olhos não o enganavam, eram naturais, e não demonstrava nenhuma relutância em pressionar todas aquelas curvas quentes e voluptuosas contra a parte da frente do corpo dele. O rubor nas maçãs do rosto também era natural. Tinha um modo particular de abaixar os cílios escuros sobre os impressionantes olhos verdes, em uma expressão sem dúvida convidativa. E a voz dela ainda o acariciava como uma mão calçada em luvas de veludo.

Ele estava jogando, não? Ora, é claro que estava. Por que mais teria dado um nome falso? E por que não faria isso, ainda mais quando o futuro lhe prometia semanas de castidade na casa da avó? Rannulf tinha um apetite sexual vigoroso e não declinaria do convite dela. Mesmo assim... beijar montado a cavalo? Em uma estrada enlameada?

Rannulf riu por dentro. Parecia estar vivendo uma fantasia. Uma *deliciosa* fantasia.

– E qual é *seu* destino? – perguntou ela. – Está indo para casa encontrar uma esposa? Ou uma namorada?

– Nenhuma dessas opções – respondeu ele. – Sou solteiro e sem compromissos.

– Fico feliz em ouvir isso – comentou a dama. – Detestaria imaginar o senhor tendo que confessar um beijo para alguém.

Ele riu.

– Estou indo passar algumas semanas com amigos – disse Rannulf. – São casas o que estou vendo mais à frente?

Ela virou a cabeça para checar.

– Sim – disse. – Acho que está certo.

A chuva recomeçaria a qualquer instante. Sem dúvida, seria bom sair da estrada lamacenta e entrar em um abrigo, mas avisar sobre a carruagem acidentada era mais urgente. Rannulf lamentava um pouco que estivesse se aproximando da cidade. Mas nem tudo estava perdido. Seria impossível para qualquer um dos dois seguir viagem naquele dia, por mais próximos que estivessem de seu próprio destino.

– Em alguns minutos – disse Rannulf, abaixando a cabeça de modo que sua boca estivesse bem próxima ao ouvido dela –, estaremos a salvo em uma estalagem e logo mandarão ajuda para aqueles pobres passageiros desamparados. A senhorita poderá descansar em um quarto quente e seco, e eu, em outro. Ficará feliz?

– Sim, é claro – respondeu ela em uma voz brusca, diferente da que vinha usando até então nas conversas entre eles.

Ah. Ele entendera mal os sinais, então? Um leve flerte sobre um cavalo era uma coisa, mas algo além não estava nos planos dela? Rannulf se concentrou em guiar o cavalo pelos poucos metros que levavam ao que parecia uma estalagem de bom tamanho, no extremo de uma pequena cidade.

– Não – corrigiu ela, alguns instantes depois, a voz baixa e rouca novamente. – Não, eu não ficarei feliz.

Ah.



Estava quente, cheio e seco dentro da estalagem, mas, pela primeira vez em várias horas, Judith se sentia fisicamente segura. O pátio do lado de fora estava em alvoroço e as pessoas se aglomeravam dentro da estalagem – algumas observavam o céu pela janela, outras decidiam se valeria a pena passar a noite ali.

Judith tinha um problema. Não possuía dinheiro suficiente para pagar por um quarto. Quando mencionou o fato ao Sr. Bedard, ele sorriu, zombeteiro, e não disse nada. Agora ele estava parado no balcão da recepção

falando com o estalajadeiro. Ele teria a intenção de lhe pagar um quarto? E ela permitiria? Como devolveria o dinheiro a ele?

Judith desejava que aquela breve e gloriosa aventura não terminasse. Sabia que reviveria as últimas horas várias vezes durante os dias e as semanas que se seguiriam. Relembraria aquele beijo para sempre. Pobre solteirona desesperada, pensou, repreendendo-se mentalmente. Mas sua energia parecia esmagada sob as solas lamacentas de suas botinas. Judith se sentia mais deprimida naquele momento do que uma hora atrás, antes de o Sr. Bedard entrar em sua vida.

Ele era um homem alto, de constituição sólida. Os cabelos, como Judith podia ver agora que ele tirara o chapéu, eram realmente ondulados, além de grossos e claros, e quase tocavam os ombros dele. Se alguém acrescentasse uma barba e um elmo com chifres àquele rosto, seria possível imaginá-lo parado na proa de um navio viking à frente de um ataque a algum vilarejo saxão sem sorte. A própria Judith seria uma habitante desse vilarejo, corajosa e desafiadora...

Sr. Bedard se afastou do balcão e cruzou a distância que o separava de Judith.

– Muitos viajantes buscaram refúgio aqui – explicou ele, em voz baixa. – E os passageiros da diligência também vão precisar de quartos. A estalagem estará lotada esta noite. No entanto, há outro lugar, menor e mais tranquilo, perto do centro da cidade, perto da feira livre. É mais usado em dias de feira, mas me asseguraram que é muito limpo e confortável.

A expressão nos olhos dele não era divertida ou zombeteira... Judith não conseguiu interpretar bem o que queria dizer, mas sentiu um arrepio percorrê-la da cabeça aos pés. Ela umedeceu os lábios.

– Como eu lhe disse, Sr. Bedard – lembrou Judith –, não tenho mais do que algumas poucas moedas comigo, já que esperava viajar direto para York, sem pausas. Permanecerei aqui. Sentarei no refeitório, ou perto da janela, até que outra diligência passe e eu possa seguir meu caminho.

Na verdade, pensou, não estava muito longe de Harewood Grange. Afinal, já estavam em Leicestershire, não estavam? Sr. Bedard sorriu e, mais uma vez, seu rosto assumiu uma expressão zombeteira.

– O estalajadeiro daqui enviará sua mala para a outra estalagem assim que chegar – disse ele. – A diligência teve um eixo quebrado. A espera por outra será longa, provavelmente até amanhã. A senhorita poderá esperar com conforto.

– Mas não posso pagar... – começou a dizer Judith, mais uma vez. Sr. Bedard pousou um dos dedos sobre os lábios dela, surpreendendo-a.

– Ah, mas *eu* posso – comentou. – Posso arcar com os custos de *um* quarto.

Por um instante de profunda estupidez, Judith não entendeu o que ele queria dizer. Então compreendeu. Surpreendeu-se por não estar em chamas, tamanho o rubor que a dominou. Também se espantou por seus joelhos não cederem e ela desabar no chão. E ainda se perguntou por que não dava uma bofetada naquele homem com toda a força de seu ultraje.

Mas Judith não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, escondeu-se atrás da máscara de Claire Campbell, enquanto sentia a tentação dominar seu corpo. A vontade de continuar aquela aventura, aquele sonho roubado, era quase incontrolável. Sr. Bedard estava sugerindo que compartilhassem um quarto na outra estalagem. Com certeza pretendia muito mais do que dividir uma cama. Tinha a intenção de que os dois tivessem relações conjugais... embora *conjugais* fosse uma palavra equivocada naquele caso.

Naquele dia. Naquele noite. Em poucas horas.

Judith apresentou seu sorriso de Claire Campbell e sabia muito bem que não era necessária outra resposta. Podia se abster de tomar qualquer decisão real. Mesmo assim, estava consciente de que *tomara* uma decisão. Caso contrário, Claire Campbell não teria sorrido. Apenas uma vez na vida, *precisava* fazer algo ousado, chocante, ultrajante e... atípico.

Talvez nunca mais tivesse outra chance.

– Vou resgatar meu cavalo, antes que ele se acomode no estábulo – disse ele, afastando-se. Ele contemplou Judith dos pés à cabeça e se virou na direção da porta.

– Sim – concordou Judith.

Além do mais, nada era definitivo. Ela não iria até o fim. Quando chegasse a hora, se desculparia e explicaria que ele a compreendera mal, que não era aquele tipo de mulher. Então dormiria no chão, em uma cadeira ou em *qualquer lugar* onde ele não estivesse. Sr. Bedard era um cavalheiro, não a forçaria a nada. Ela apenas estenderia um pouco mais a aventura que estava vivendo. Não cometeria nenhum ato depravado irreversível.

Ah, sim, você cometerá, disse uma vizinha intrometida dentro de si. A voz tinha o tom brusco de Judith Law em sua versão mais sensata.



Rum & Puncheon era uma estalagem pequena e sem hóspedes, embora a taverna estivesse bem cheia. “Sr. e a Sra. Bedard” foram recebidos com uma hospitalidade jovial e ficaram com a melhor acomodação da estalagem: um quarto limpo e amplo, um fogo ardendo na lareira, uma proteção contra a chuva que batia nas janelas e uma bacia de água bem quente no lavatório atrás de um biombo. O jantar do casal seria servido na pequena sala de jantar anexa ao quarto de dormir. Ficariam aconchegados e a sós ali, informou a esposa do estalajadeiro, sorrindo para os dois como se acreditasse que eram mesmo casados.

Claire Campbell jogou para trás o capuz da capa assim que ficaram sozinhos no quarto e foi olhar pela janela. Rannulf despiu a própria capa, jogou-a sobre uma cadeira e olhou para a mulher à sua frente. Os cabelos dela haviam perdido a maior parte dos grampos e pareciam bastante desalinhadados. A capa verde, escura nos ombros por causa da umidade, estava levemente enlameada na bainha. A intenção dele fora jogar Claire Campbell na cama assim que chegassem ao quarto, para que pudessem aplacar parte do desejo que os consumia. Mas o momento não parecia certo. Ele podia ser um homem com um apetite sexual saudável, mas não era dominado por suas paixões. Afinal, sexo era, além de uma função fisiológica, uma arte. E a arte do sexo exigia a atmosfera certa.

Toda uma noite se estendia diante deles. Não havia pressa.

– Gostaria de se refrescar? – perguntou Rannulf. – Vou tomar um caneco de cerveja na taverna e voltarei quando o jantar estiver pronto. Pedirei que lhe mandem um bule de chá.

Claire Campbell se virou para ele.

– Seria uma grande gentileza da sua parte – falou.

Ele quase mudou de ideia. O rosto dela estava corado, e as pálpebras, levemente abaixadas em um convite. Os cabelos revoltos davam a impressão de que acabara de acordar. Rannulf teve vontade de levá-la para a cama naquele momento, se enfiar entre suas coxas e mergulhar fundo em seu convidativo corpo.

Em vez disso, fez uma mesura zombeteira e ergueu uma das sobranceiras.

– Gentileza? Está aí uma coisa da qual não sou acusado com frequência, madame.

Rannulf passou uma hora na taverna, bebendo e aproveitando a hospitalidade de alguns homens da cidade que o incluíram na conversa, pedindo a opinião dele sobre o tempo e a condição das estradas, enquanto fumavam seus cachimbos, bebiam seus canecos de cerveja e concordavam uns com os outros que, agora, iriam pagar por todo o tempo quente de verão que aproveitaram nas últimas semanas.

Rannulf subiu para a sala de jantar particular quando o estalajadeiro avisou que a comida estava prestes a ser servida. Claire já encontrava-se lá, parada na porta entre os dois cômodos, observando a criada arrumar a mesa.

– É torta de carne e rim – anunciou a moça com um sorriso, fazendo uma cortesia antes de sair da sala e fechar a porta. – A melhor em 15 quilômetros, devo declarar. Aproveitem. Toquem a campainha quando quiserem que eu venha retirar os pratos.

– Faremos isso. Obrigada – agradeceu Claire.

Rannulf quase sentiu medo de olhar para ela até estarem sozinhos. Havia visto apenas relances do vestido de musselina sob a capa. Agora via que era uma roupa de estilo simples, surpreendentemente discreta para uma mulher da profissão dela. Bem, Claire estava viajando de diligência. Provavelmente precisava usar uma roupa que não atraísse muita atenção. O vestido, entretanto, não conseguia esconder as maravilhas de seu corpo. Claire não era magra, embora suas longas pernas pudessem dar essa impressão. Na verdade, tinha um corpo curvilíneo e tentador: cintura fina e quadris mais amplos, convidativos. Os seios eram cheios e firmes, o sonho de todo homem tornado realidade.

Ela não prendera os cabelos para cima, como ele esperara que fizesse. Estavam escovados, para trás, e caíam em ondas brilhantes sobre seus ombros, até o meio de suas costas. Tinham um tom maravilhoso de vermelho, quase chocante, com mechas douradas que cintilavam sob a luz do fim da tarde. O rosto longo e oval era pálido e delicado como porcelana. Os olhos de um verde espantoso. E, por Deus, havia algo inesperado no rosto dela, algo que a tornava mais próxima dos reles mortais. Rannulf cobriu a distância que os separava e correu um dedo de leve sobre o nariz de Claire, indo de uma maçã do rosto à outra.

– Você tem sardas... – comentou. – Bem de leve.

Claire voltou a ruborizar.

– Foram o tormento de minha infância – contou. – E infelizmente nunca desapareceram por completo.

– São encantadoras – comentou Rannulf.

Quando entrou no quarto, quase sentiu medo de que Claire fosse uma deusa. Ele sempre admirara deusas, mas nunca fora para a cama com uma. Gostava de mulheres de carne e osso.

– Tenho que cobri-las com bastante maquiagem quando estou no palco.

– A senhorita *quase* roubou meu apetite para a comida – provocou Rannulf, o olhar descendo até a boca de Claire.

– *Quase* – retrucou ela na mesma voz brusca que ele ouvira apenas uma vez até ali. – Mas isso não aconteceu. Seria uma tolice, Sr. Bedard, quando seu jantar o aguarda na mesa e o senhor está tão faminto.

– Ralf – disse ele – É melhor me chamar de Ralf.

– *Ralf* – repetiu ela. – É hora de jantar.

Mais tarde, eles se permitiriam uma sobremesa, pensou ele, enquanto se sentava à mesa, de frente para Claire. Uma doce iguaria que saboreariam durante toda a noite. O sangue correu mais rápido nas veias dele, em antecipação a uma boa noite de sexo. Rannulf não tinha dúvida de que seria muito bom. Nesse meio-tempo, o corpo dele precisava ser abastecido.

Rannulf falou sobre Londres, a pedido de Claire, já que ela nunca estivera lá. Falou sobre os acontecimentos durante a temporada social: os bailes, a multidão, os concertos, o Hyde Park, a Carlton House e os Jardins de Vauxhall. Ela, por sua vez, falou sobre o teatro, os atores e os diretores com quem trabalhava. Descreveu tudo devagar, com olhos sonhadores e um sorriso nos lábios. Parecia apreciar bastante sua profissão.



Rannulf ficou surpreso quando, cerca de uma hora depois, olhou para a mesa e viu que a maior parte da comida servida já fora consumida e que a garrafa de vinho estava vazia. Eles comeram bem, mas ele mal conseguia se lembrar do gosto de nada, embora sentisse uma sensação de bem-estar... e uma permanente fagulha de expectativa.

Rannulf se levantou, foi até a lareira e puxou a corda da campainha. Pediu que os pratos fossem retirados e pegou outra garrafa de vinho.

– Mais? – perguntou Rannulf, enquanto ele inclinava a garrafa sobre o copo dela.

– Ah, eu não deveria aceitar.

– Mas aceitará. – Ele olhou bem fundo em seus olhos.

Claire sorriu.

– Aceitarei.

Rannulf se recostou na cadeira depois de encher os copos e dar um gole no próprio vinho. Aquele talvez fosse o momento. A luz suave do dia finalmente se apagava atrás das cortinas. A chuva que continuava a cair e o fogo crepitando na lareira acrescentavam ao ambiente uma sensação de aconchego e intimidade que não era comum no verão. Mas havia alguma coisa a mais.

– Quero vê-la atuar – pediu ele.

– *O quê?* – As sobrancelhas dela se ergueram e a mão que segurava o vinho parou a meio caminho dos lábios.

– Quero vê-la atuar – repetiu Rannulf.

– Aqui? Agora? – Claire pousou o copo na mesa. – Que absurdo. Não há palco, cenário, roteiro nem outros atores.

– Uma atriz talentosa e experiente com certeza não precisa de um roteiro para algumas cenas – contestou ele. – Nem palco ou cenário. Há vários monólogos que não requerem a presença de outros atores. Represente um deles para mim, Claire. Por favor?

Ele ergueu o copo na direção dela em um brinde silencioso.

Claire o encarou, o rubor tomando conta de seu rosto mais uma vez. Com certa surpresa, Ralf percebeu que ela estava constrangida perante a possibilidade de fazer uma apresentação particular para um homem que estava prestes a se tornar seu amante. Talvez fosse difícil pensar em um papel dramático naquelas circunstâncias.

– Bem, suponho que eu poderia apresentar o famoso discurso de Pórcia...

– Pórcia?

– De *O mercador de Veneza* – explicou Claire. – Com certeza conhece o discurso da “Natureza da Graça”?

– Recorde-me.

– Shylock e Antônio estão no tribunal – disse ela, inclinando-se levemente sobre a mesa, na direção dele –, para que seja decidido se Shylock tem o direito de levar uma libra da carne do corpo de Antônio. Não há dúvida de que ele tem esse direito, já que isso foi estabelecido anterior-

mente no acordo entre ambos. Mas então chega Pórcia, com a intenção de salvar seu amigo querido e defensor de Bassânio, amor da vida dela. Pórcia se disfarça com a toga de um magistrado e fala em defesa de Antônio. A princípio, ela apela para os bons sentimentos de Shylock, em seu famoso discurso sobre a graça.

– Estou lembrando agora – comentou Rannulf. – Represente Pórcia para mim, então.

Claire ficou de pé e olhou ao redor.

– Este é o tribunal – avisou. – Não é mais a sala de jantar de uma estalagem, e sim um tribunal, no qual está em jogo a vida de um homem nobre. É uma situação desesperadora. Parece não haver esperança. Estão todos aqui, todos os principais personagens do drama. Shylock está sentado nessa cadeira. – Ela apontou para a cadeira que Rannulf ocupava. – Sou Pórcia, mas estou disfarçada como um rapaz.

Rannulf deu um meio sorriso divertido enquanto Claire afastava os cabelos para trás, prendendo-os na nuca enquanto desaparecia por um instante no quarto de dormir. Quando voltou, abotoava a capa com capuz ao redor do corpo. Estava longe de parecer um homem, mas Rannulf quase se encolheu diante da expressão dura e controlada no rosto de Claire quando ela o encarou.

– “A natureza da graça não comporta compulsão” – falou Claire, em uma voz que combinava com a expressão de seus olhos.

Por um breve e tolo instante, ele pensou que era ela, Claire Campbell, que endereçava aquela frase a ele, Rannulf Bedwyn.

– “Gota a gota ela cai, tal como a chuva benéfica do céu” – continuou ela, aproximando-se mais dele, a expressão um pouco mais suave, como que implorando.

Maldição, pensou Rannulf. Ela era Pórcia e ele era o vilão desgraçado, Shylock.

– “É duas vezes abençoada.”

Não era um discurso muito longo, mas, quando Claire terminou, Rannulf sentia-se envergonhado e pronto para perdoar Antônio, até mesmo se ajoelhar e implorar perdão por sequer ter considerado a possibilidade de cortar uma libra da carne do corpo dele. Claire inclinou-se sobre ele, os lábios cerrados e os olhos ávidos, esperando a resposta.

– Por Deus – disse Rannulf –, Shylock devia ser feito de aço...

Ele sentiu o início de uma ereção dentro das calças. Ela era muito boa. Conseguia dar vida a um papel sem qualquer dos recursos teatrais exagerados que associava a todos os mais famosos atores e atrizes que já vira no palco.

Claire endireitou o corpo e sorriu para ele, enquanto desabotoava a capa.

– O que mais pode apresentar? – perguntou Rannulf. – Julieta?

Ela fez um gesto com a mão afastando a possibilidade.

– Tenho 22 anos – disse. – Julieta era nove anos mais nova e uma simplória. Nunca compreendi o apelo dessa peça.

Ele riu. Ela não era uma romântica, então.

– Ofélia? – sugeriu Rannulf.

Claire pareceu aborrecida.

– Acho que os homens gostam de assistir a mulheres fracas – falou ela, com o que pareceu ser desprezo na voz. – E não poderia haver nenhuma mais fraca do que a tola Ofélia. Ela só precisaria estalar os dedos diante do rosto de Hamlet e mandá-lo enfiar a cabeça em uma tina de óleo quente.

Rannulf jogou a cabeça para trás em uma gargalhada. Claire estava enrubescida e parecia arrependida quando ele voltou a encará-la.

– Farei Lady Macbeth – disse ela. – Era tola e não conseguia sustentar a própria maldade, mas com certeza não era fraca.

– A cena em que ela está sonâmbula? – perguntou ele. – Quando lava as mãos no sangue?

– Essa mesma. Está vendo? – Claire pareceu aborrecida mais uma vez, enquanto gesticulava na direção dele. – Acho que essa é a cena preferida dos homens. A mulher má finalmente se entrega à loucura. Afinal, uma mulher típica não consegue ser eternamente forte, não é mesmo?

– No final, Macbeth também não poderia ser descrito como são – recordou ele. – Eu diria que Shakespeare era imparcial em seu julgamento da relativa força de espírito do homem e da mulher.

– Farei Lady Macbeth persuadindo Macbeth a assassinar Duncan – escolheu Claire.

E ele, supôs Rannulf, seria um silencioso Macbeth.

– Mas primeiro – disse ela – vou terminar meu vinho.

O copo de Claire estava dois terços cheio. Ela virou todo o vinho em um gole só e pousou o copo vazio na mesa. Então, soltou o nó que prendia os cabelos na nuca e sacudiu-os.

– Macbeth acabou de dizer à esposa: “Não iremos mais longe nesse assunto” – explicou Claire. – Ele está desistindo da ideia do assassinato, mas ela o incita a seguir em frente.

Rannulf assentiu. Claire se virou de costas por um instante e ficou completamente imóvel. Então ele a viu cerrar os punhos e se virar para ele. Rannulf quase se levantou para se proteger atrás da cadeira. Os olhos verdes o perfuravam com um brilho frio e reprovador.

– “Encontra-se embriagada a esperança que até há pouco vos revestia?” – perguntou ela em voz baixa. – “Adormeceu, decerto, desde então, e acordou agora, pálida e verde, a contemplar o que ela própria começara tão bem?”

Rannulf resistiu à vontade de se defender.

– “Desde este instante para mim teu amor vale isso mesmo.”

Ela também recitou as falas dele, inclinando-se sobre Rannulf e falando em voz baixa, dando a impressão de que era ele quem as dizia, sem mover os lábios. Quando voltou a assumir o papel de Lady Macbeth, Claire o açoiava com sua energia, seu descontentamento e seus argumentos ardilosos. Quando ela terminou, Rannulf conseguiu finalmente compreender por que Macbeth cometera a imbecilidade tamanha de matar seu rei.

Claire ofegava ao fim de sua argumentação. Parecia fria, triunfante... e um tanto louca.

Rannulf se viu muito próximo de arquejar de desejo. Conforme a identificação dela com o papel que desempenhara começava a se apagar de seus olhos e de seu corpo, os dois ficaram se encarando, o ar entre eles soltando faíscas.

– Nossa... – comentou ele em voz baixa.

Ela deu um meio sorriso.

– Você precisa levar em consideração que estou um pouco enferrujada. Não atuo há três meses e estou sem prática. – esclareceu Claire

– Que Deus nos ajude – comentou Rannulf, ficando de pé – se você estivesse *com* prática. Era possível que eu saísse em disparada, na chuva, para tentar encontrar o assassino disponível mais próximo para matar o rei.

– Então, o que achou? – perguntou ela.

– Acho – disse ele – que está na hora de ir para a cama.

Por um instante, Rannulf achou que ela recusaria. Claire o encarou, umedeceu os lábios, respirou fundo, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, então assentiu.

– Sim – disse ela, por fim.

Ele inclinou a cabeça e a beijou. Estava pronto para jogá-la no chão e possuí-la ali mesmo, mas por que submetê-los ao desconforto se havia uma cama que parecia tão confortável no quarto ao lado?

– Apronte-se – falou Rannulf. – Vou descer por uns dez minutos.

– Sim – concordou Claire.

Um instante depois, a porta do quarto se fechava atrás dela. Aqueles dez minutos, pensou Rannulf, seriam uma desconfortável eternidade.

Ela sabia atuar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br